


**Pesquisa narrativa:
reflexões sobre produções dos últimos 14 anos**

*Narrative inquiry:
reflections on productions of the last 14 years*

*Investigación narrativa:
reflexiones sobre producciones de los últimos 14 años*

Deusodete Rita da Silva Aimi² 

Filomena Maria de Arruda Monteiro³ 

Resumo: Apresenta-se, neste artigo, os resultados de uma pesquisa de natureza bibliográfica, cuja metodologia envolveu um levantamento no portal de periódicos da CAPES. Este estudo configura-se como uma das etapas de pesquisa de doutorado da autora principal deste texto e buscou levantar dados pertinentes ao uso das narrativas como método e como fenômeno, considerando os trabalhos que apresentaram resultados de investigações a partir da metodologia de pesquisa narrativa, com base nos autores Connelly e Clandinin. A pesquisa foi realizada entre os meses de dezembro de 2018 e março de 2019. Os dados foram organizados considerando o descritor: Pesquisa Narrativa, as datas de publicação e a metodologia apresentada. A partir do tratamento dos dados, são discutidos alguns termos que compõem o arcabouço dessa metodologia como Experiência, Espaço Tridimensional, Pessoas e o lugar da teoria na pesquisa, termos estes que se aproximam do interesse dos autores deste texto.

Palavras-chave: Pesquisa narrativa. Desenvolvimento profissional. Espaço tridimensional.

Abstract: *This article presents the results of a bibliographic research, whose methodology involved a survey on the journal portal of the CAPES. This study is one of the research stages of the main author's doctoral dissertation, and sought to gather data pertinent to the use of narratives as a method and as a phenomenon, considering the works that presented results of investigations on the narrative inquiry methodology based on the authors Connelly and Clandinin. The research was conducted between December 2018 and March 2019. The data were organized considering the descriptor: Narrative Research, the dates of publication and the methodology presented. From the analysis of the data, some terms that compose the framework of this methodology are discussed, such as Experience, Three-Dimensional Space, People and the place the theory occupies in the research. These are terms that approach the interest of this text's authors.*

Keywords: *Narrative inquiry. Professional development. Three-dimensional space.*

Resumen: *En este artículo se presentan resultados de una búsqueda con perfil bibliográfico, cuya metodología ha tenido en cuenta los datos del sitio web de periódicos de la CAPES. Este estudio se configura como una de las etapas de búsqueda del doctorado de la autora principal de este texto, que ha buscado detectar datos pertinentes a la utilización de las narrativas, como método y como fenómeno, considerando los trabajos que han presentado resultados de investigaciones a partir de la metodología de búsqueda narrativa con base en los autores Connelly y Clandinin. La búsqueda ha sido realizada entre los meses de diciembre de 2018 y marzo de 2019. Los datos fueron organizados considerando el tema: Búsqueda Narrativa, las fechas de publicación y la metodología presentada. A partir del análisis de los datos, son discutidos algunos términos que forman el marco teórico de esta metodología como Experiencia, Espacio Tridimensional, Personas y el lugar de la teoría en la búsqueda. Estos términos se acercan al interés de los autores de este texto.*

Palabras clave: *Búsqueda narrativa. Desarrollo profesional. Espacio tridimensional.*

¹ **Submetido em:** 09 maio 2019 - **Aceito em:** 10 out. 2019 - **Publicado em:** 12 ago. 2020

² Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) – E-mail: deusodetersa@gmail.com

³ Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) – E-mail: filarruda@hotmail.com

Introdução

O uso das narrativas como forma de coletar, produzir ou construir dados na pesquisa científica tem sido uma constante em trabalhos realizados no campo da educação, notadamente a partir da década de 1980, principalmente quando se trata de pesquisas que envolvem a formação de professores e os processos de desenvolvimento profissional. Essa constatação justifica-se pela compreensão de que

os estudos chamados de “qualitativos” englobam um conjunto heterogêneo de perspectivas de métodos, de técnicas de análises, compreendendo desde estudos do tipo etnográfico, pesquisa participante, estudos de caso, pesquisa ação e até análises de discursos e de narrativas, estudos de memória, histórias de vida e história oral (ANDRÉ, 2001, p. 54).

No que diz respeito à utilização das narrativas, Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 90) destacam que esta vem conquistando grande importância nas pesquisas qualitativas, ressaltam, ainda, um visível crescimento que indica estar relacionado à “crescente consciência do papel que o contar histórias desempenha na conformação de fenômenos sociais. No despertar desta nova consciência, as narrativas se tornaram um método de pesquisa muito difundido nas ciências sociais”. Um dos destaques da narrativa está relacionado à grande possibilidade de uso, pois “através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma seqüência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 91).

Vários pesquisadores (TELLES, 1999; MELLO, 2004; FREITAS; GHEDIN, 2015; MARIANI; MONTEIRO, 2016; OLIVEIRA, 2017) mostram que, além do uso da narrativa como instrumento, ela também tem sido adotada como método de pesquisa e como o fenômeno a ser estudado (CONNELLY; CLANDININ, 1995, CLANDININ; CONNELLY, 2015). Assim, podemos dizer que a Pesquisa Narrativa tem se destacado como uma tendência nas pesquisas sobre formação de professores, por considerar espaços para a expressão da subjetividade no campo da pesquisa científica (OLIVEIRA *et al.*, 2016).

Considerando a questão da subjetividade e da participação do pesquisador como parte da pesquisa a ser desenvolvida, Clandinin e Connelly (2015, p. 120) ressaltam que:

Quando pesquisadores narrativos estão em campo, eles nunca estão ali como mentes (sem corpo) registradoras da experiência de alguém. Eles também estão vivenciando uma experiência, qual seja: a experiência da pesquisa que envolve a experiência que eles desejam investigar. A experiência da narrativa do pesquisador é sempre dual, é sempre o pesquisador vivenciando a experiência e também sendo parte da própria experiência. [...], ou seja, nós os pesquisadores narrativos fazemos parte do desfile que presumimos estudar.

Dessa forma, podemos dizer que “a pesquisa narrativa vem estabelecendo seu lugar como forma emancipadora de pesquisa em educação ao fornecer o contexto necessário para que os professores se tornem, ao mesmo tempo”, participantes de uma investigação e autores da sua própria narrativa (TELLES, 1999, p. 81). Assim, a pesquisa narrativa anuncia-se como

uma possibilidade de entender e de compor sentidos sobre a experiência, e isso se dá em um processo de colaboração entre pesquisador e demais participantes da pesquisa.

A realização da pesquisa que culminou com a escrita deste texto foi pensada e elaborada tendo como contexto uma pesquisa maior, a pesquisa de doutorado de uma das autoras deste artigo, que vem buscando um aprofundamento teórico sobre a metodologia de pesquisa narrativa, considerando ser essa uma das opções metodológicas para realizar uma investigação com professores pedagogos iniciantes na profissão, com o objetivo de compreender como estes produzem sentidos e compartilham significados sobre a docência. Nesta etapa, o objetivo foi realizar uma pesquisa de natureza bibliográfica, cuja metodologia envolveu um levantamento no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com o descritor **Pesquisa narrativa**. A partir do levantamento, foi possível tecer algumas reflexões sobre o uso da pesquisa narrativa, proposta pelos autores Clandinin e Connelly (2015), principalmente das discussões que envolvem alguns dos termos utilizados por estes autores, como o conceito de **Experiência em John Dewey**, o **Espaço Tridimensional**, essencial para a construção das narrativas e para refletir sobre as **tensões** que perpassam a realização de uma pesquisa narrativa.

Breves considerações sobre o percurso metodológico

Para este estudo, ancoramo-nos nos pressupostos teóricos de Pizzani *et al.* (2012), para a realização da pesquisa de natureza bibliográfica, cuja metodologia envolveu um levantamento no portal de periódicos da CAPES, principalmente por considerarmos, a exemplo dos autores, que a “pesquisa bibliográfica é um trabalho investigativo minucioso”, que requer rigor e atenção em sua realização (PIZZANI *et al.*, 2012, p. 54).

Em um primeiro momento, iniciamos a busca com a inserção do descritor **Pesquisa Narrativa**, com o intuito de encontrar o quantitativo de trabalhos que utilizam esta metodologia e estão disponibilizados no Portal CAPES. Vale destacar que, como recorte temporal, optamos por considerar os trabalhos publicados entre os anos de 2004 a 2017. A escolha pelo ano inicial, 2004, está relacionado ao período de criação do grupo de pesquisa ao qual as autoras estão vinculadas, a data final, 2017, foi escolhida como o último ano possível, tendo em vista que o levantamento foi realizado em dezembro de 2018. Nesta primeira busca, foram encontrados 108 trabalhos que, em algum momento, citavam o descritor **pesquisa narrativa**.

Na segunda parte da pesquisa, a partir da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave, foi feita a seleção de 38 trabalhos, dentre os 108 encontrados. Durante a leitura inicial, foram considerados os trabalhos que utilizaram a narrativa não apenas como forma de coletar ou produzir dados para a pesquisa, ou seja, foram selecionados aqueles que, desde a apresentação do resumo, consideravam a narrativa também como método, pois, apesar de em vários trabalhos identificarmos o termo Pesquisa Narrativa, na maioria dos casos a Narrativa figurava apenas como instrumento de produção ou coleta de dados.

Na sequência do processo de organização e análise dos dados, optamos por selecionar, dentre os 38 trabalhos, apenas aqueles que, além de ter como metodologia a pesquisa narrativa, utilizassem as contribuições dos autores Clandinin e Connelly para a realização da pesquisa. Ao mesmo tempo que consideramos os trabalhos que discutiam, especificamente, a formação de professores e o desenvolvimento profissional docente. Assim, foram selecionados 16 trabalhos que serviram para identificarmos a incidência do termo Espaço Tridimensional, do conceito de Experiência em John Dewey, bem como de alguns dos termos considerados por esses autores como tensões na pesquisa narrativa. Justificamos as escolhas aqui apresentadas, por serem também temas de interesse das pesquisadoras autoras deste texto.

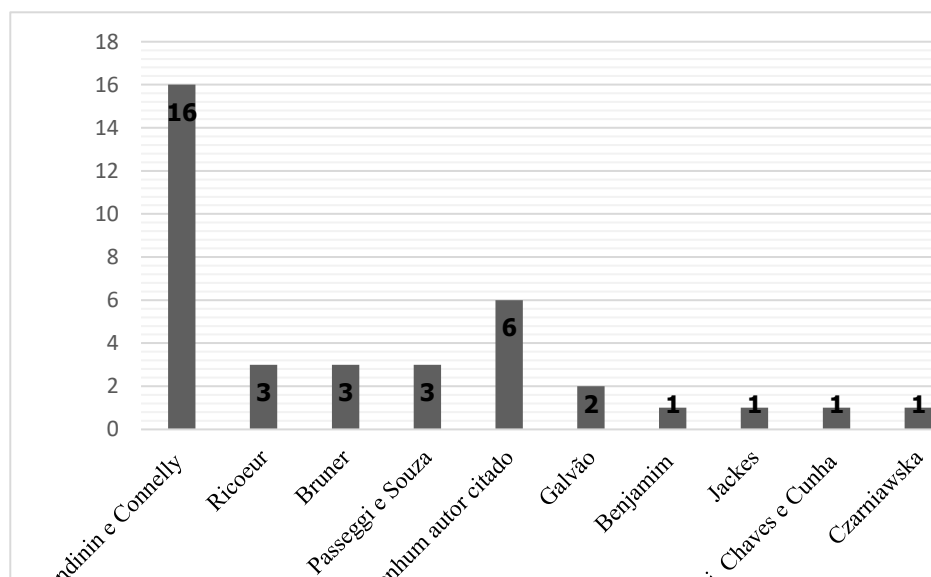
Em seguida, após a leitura e o fichamento dos 16 trabalhos selecionados, iniciamos a organização das informações em forma de gráficos e tabelas, buscando encontrar os termos-chave usados por Clandinin e Connelly (2015) e apresentados anteriormente. Neste percurso, procuramos agrupar aspectos mais significativos para amparar as reflexões aqui apresentadas.

Pesquisa narrativa e as produções no portal de periódico CAPES

Segundo Pizzani *et al.* (2012), é preciso rigor ao realizar a escolha da base de dados para a pesquisa. Assim sendo, a escolha pelo portal de periódicos CAPES deu-se por considerar a importância deste espaço no que diz respeito à abrangência e diversidade nas bases de dados, pela praticidade da busca e, principalmente, pela quantidade de textos completos disponíveis. Desde as primeiras buscas, foi possível delimitar os termos, considerando o modo busca avançada, o que possibilitou uma precisão na recolha dos trabalhos.

Ao procedermos os primeiros movimentos do processo de análises dos textos encontrados no repositório CAPES, foi possível perceber que, dentre os 38 textos identificados nesta busca, 16 utilizaram como referência os autores Clandinin e Connelly (2000; 2011) e Connelly e Clandinin (1995) para fundamentar a opção pela metodologia de pesquisa narrativa, três trabalhos que se apoiaram nas contribuições de Ricoeur, três buscaram fundamentação nas obras de Bruner, e outros três textos utilizaram as contribuições de Nóvoa, Souza e Passeggi. Vale ressaltarmos que estes foram os mais citados, considerando o contexto geral dos 38 trabalhos, mas, além desses nomes, surgiram vários outros e até mesmo um número significativo de trabalhos em que não se identifica propriamente um autor para as discussões do método narrativo, como podemos conferir no gráfico a seguir.

Gráfico 1. Principais referências citadas para fundamentar a escolha pela metodologia de Pesquisa Narrativa - 2004 a 2017



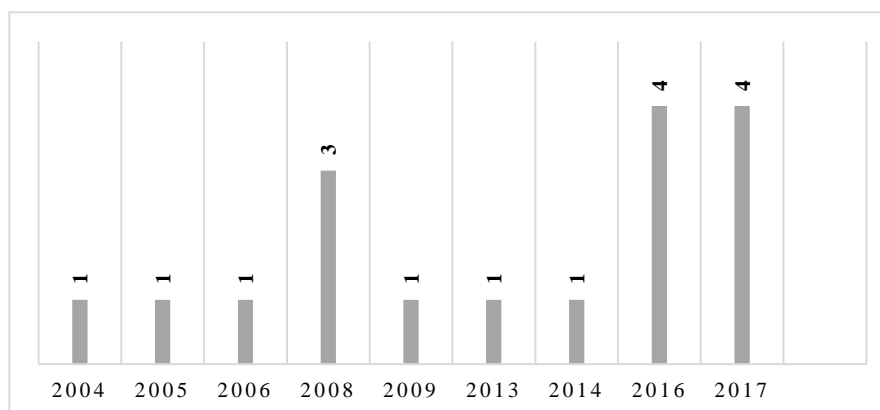
Fonte: Elaborado pelas autoras a partir do levantamento bibliográfico.

As informações destacadas, no gráfico 1, possibilitam-nos deduzir que, dentre os trabalhos disponibilizados na plataforma e que adotam como metodologia a pesquisa narrativa, 16 adotam as contribuições dos autores Clandinin e Connelly como referência. Esta informação nos chama a atenção por reconhecermos que, dentro deste quantitativo, visto aqui como uma pequena amostra, este percentual é bastante expressivo.

Outro aspecto que nos chama a atenção durante a análise desses textos é o fato de encontrarmos dentre as temáticas das produções assuntos como: Formação Docente, Espaços Urbanos, Estudos Culturais, Língua Escrita e Tecnologias digitais, Narrativas sobre a Velhice, Ensino de Ciências, Estágio Supervisionado, Artes Visuais, Ensino e Aprendizagem da Língua Inglesa, Educação Ambiental, Desenvolvimento Profissional, Currículo, Educação Matemática, entre outros. Essa constatação possibilita-nos pensar na abrangência de áreas que utilizam a narrativa como método de pesquisa, considerando sua potencialidade para essa atividade. Podemos dizer, portanto, que a narrativa consiste no estudo das diferentes maneiras como experienciamos o mundo (CONNELLY; CLANDININ, 1995), uma vez que “o fenômeno constitui a história, enquanto o método que a investiga e a descreve se concretiza numa narrativa” (GALVÃO, 2005, p. 328).

Desse modo, destacamos que, desta etapa em diante, passamos a considerar apenas os 16 textos que se baseiam nos autores acima citados para o desenvolvimento dos seus trabalhos.

Gráfico 2. Textos que utilizam a metodologia de Pesquisa Narrativa a partir das contribuições de Clandinin e Connelly - 2004 a 2017



Fonte: Elaborado pelas autoras a partir do levantamento bibliográfico.

Estas informações asseguram-nos um olhar mais ampliado sobre um aumento, nos dois últimos anos, nos estudos que utilizam a metodologia de pesquisa narrativa a partir das contribuições de Connelly e Clandinin. Esta constatação corrobora e permite-nos inferir que há um aumento na procura por metodologias que oportunizem ao “pesquisador escapar do papel de controlador de hipóteses que possam ser testadas ou provadas” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 114), que oportunizem, ainda, novos modos de fazer pesquisa, que possibilitem pensar a experiência e, assim, considerar o envolvimento com os participantes e os espaços da pesquisa não mais como um empecilho.

A leitura e análise dos textos, considerando o critério cronológico, remete-nos, ainda, ao que afirmam pesquisadores como António Nóvoa (2000), sobre o aumento do interesse de pesquisadores em investir em novas abordagens no campo das Ciências Sociais e Humanas, investindo esforços em buscar novos modos de pensar e desenvolver pesquisas que, garantam aos pesquisadores condições de falar **com e a partir** da escola, ao invés de falar **sobre** a escola ou **sobre** os professores (LIMA;GERALDI; GERALDI, 2015).

A exemplo dos autores acima citados, podemos dizer, com Mariani e Monteiro (2016, p. 113), que a escolha por esta metodologia de pesquisa se dá a partir do interesse e busca por:

[...] uma nova modalidade de se fazer pesquisa, que, não negligenciando o rigor e a profundidade da produção do conhecimento, seja capaz de romper com a perspectiva mais formalista de pesquisa, voltando o olhar para a possibilidade de um conhecimento construído a partir da experiência vivenciada no dia a dia da escola, na subjetividade das relações e das percepções daqueles que vivem as contradições cotidianas que envolvem o processo ensino-aprendizagem.

Outra questão que emerge ao realizar a leitura e análise dos textos, está relacionada ao aspecto formativo da pesquisa narrativa. Autores como Serodio e Prado (2017), Freitas e Ghedin (2015), entre outros, destacam que este modo de fazer pesquisa “potencializa a produção de conhecimentos e saberes na área educacional” (SERODIO; PRADO, 2017, p. 1). Ao constatarmos esta ocorrência confirmamos que, como nós, autoras deste texto, outros

pesquisadores também vivenciam esse movimento de mergulho em busca de um aprofundamento e entendimento do uso dessa metodologia de pesquisa, que nos propicia a captura das dimensões pessoais e humanas que não podem ser quantificadas, mas que são de extrema importância para a compreensão do fenômeno estudado (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Assim sendo, na próxima seção, apresentamos algumas reflexões com base nas contribuições encontradas durante as análises dos dados, ao mesmo tempo em que foi possível dialogar com outros autores que, como nós, vêm desenvolvendo pesquisas e estudos em torno dessa proposta metodológica.

Experiência, espaço tridimensional e outras tensões no desenvolvimento da pesquisa narrativa

Ao realizarmos o estudo dos textos selecionados, nós o fizemos com o intuito de identificar algumas reflexões que nos ajudassem a pensar de forma mais aprofundada sobre o conceito de **Experiência** proposto por Dewey, o **Espaço Tridimensional** e as **tensões** na pesquisa narrativa, questões que são centrais para os pesquisadores que vêm desenvolvendo seus estudos fundamentados nas contribuições dos autores aqui evidenciados.

Clandinin e Connelly (2015, p. 80), ao abordarem os desafios que se apresentam diante da tarefa de desenvolver uma pesquisa narrativa, afirmam que é preciso, além de tudo, pensar narrativamente, ao mesmo tempo em que discutem os lugares por onde o pensamento narrativo passa, considerando o que eles vão chamar de “território intelectual de outros modos de pensar”. Referindo-se a este lugar como fronteiras, os autores destacam as duas principais fronteiras impostas pelos modos de pensar: as fronteiras **reducionista** e **formalista**.

Inicialmente, ao explorar as fronteiras do pensamento narrativo com a narrativa dominante, presente na **pesquisa reducionista**, Clandinin e Connelly (2015, p. 81) vão descrever **cinco tensões** resultantes dessa fronteira: “temporalidade, pessoas, ação, exatidão e contexto”. Em seguida, passam então a refletir sobre as fronteiras entre a pesquisa narrativa e a **pesquisa formalista**, a partir dessa reflexão, elencam então outras **quatro tensões**: “O lugar da teoria, o equilíbrio da teoria, pessoas e o lugar do pesquisador”.

Ao elencar essas tensões, os autores alertam, ainda, que não pretendem sugerir que possam estar estritamente relacionadas a uma ou outra fronteira. Na verdade, eles vão dizer que todas essas tensões refletem o modo como têm experienciado a pesquisa narrativa nessas fronteiras ao longo dos anos. Afirmam ainda que:

Também sabemos que os termos e distinções não são tão exatos e claros de modo a tornar possível oferecer uma lista fixa – cinco tensões para a fronteira reducionista e quatro com a fronteira formalista. [...] Além disso, nossa intenção não é que a lista das tensões seja lida como uma lista exaustiva. Essas tensões são as que nós experienciamos com mais frequência. [...] são tensões que realçam aspectos importantes sobre o pensar narrativamente (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 81).

Assim, ao realizarmos as leituras dos textos selecionados no repositório CAPES, foi possível notar que, em um terço dos trabalhos os autores adotaram uma preocupação em discutir de forma mais aprofundada as questões metodológicas, e essas questões são relevantes na medida em que permitem a compreensão sobre o desenvolvimento teórico do campo, das abordagens teórico-epistemológicas empregadas, das tendências na formação e na pesquisa. Como no texto intitulado “Escrita-evento na radicalidade da pesquisa narrativa” dos autores Serodio e Prado (2017). Inicialmente, os autores apresentam reflexões acerca da escrita narrativa como evento e, ao escrever sobre alguns papéis da pesquisa narrativa, apontam que, para eles, a “narrativa assume muito mais do que os papéis que lhe têm sido atribuídos nos estudos de investigação narrativa” como, por exemplo, os papéis de “registro, memória, reconstrução histórica, documentação do trabalho [...]” (SERODIO; PRADO, 2017, p. 5), entre outros. Estes autores, que se apoiam nas contribuições de Connelly e Clandinin (1995), concordam que

narrativa é tanto o fenômeno que se investiga como o método da investigação. ‘Narrativa’ é o nome dessa qualidade que estrutura a experiência que será estudada, e é também o nome dos padrões de investigação que serão utilizados no estudo (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p. 12)

O estudo deste texto também contribuiu para que olhássemos a pesquisa narrativa como forma de investigar a ação docente, sem, contudo, tratar de forma objetiva questões repletas de subjetividade humana. Neste trabalho os autores anunciam também que, ao analisarem algumas pesquisas do grupo do qual fazem parte, eles perceberam que, naquelas, “a pesquisa narrativa, em sua radicalidade, potencializa a produção de conhecimentos e saberes na área educacional” (SERODIO; PRADO, 2017, p. 1).

Desde a leitura dos primeiros textos, temos percebido algumas diferenças na forma como os pesquisadores retratam os participantes da pesquisa; alguns deles ainda utilizam o termo “sujeito” ou “colaborador”. Atentamos para este aspecto, pois é apontado por Clandinin e Connelly (2015, p. 77) “como uma das tensões mais fortes e sempre presente”, o que indica a necessidade de termos clareza de como concebemos “o lugar das pessoas na pesquisa”:

Um dos modos mais simples de dizer isto é que na pesquisa formalista, pessoas, se chegarem a ser identificadas, são consideradas exemplares de uma forma – de uma ideia, uma teoria, uma categoria social. Na pesquisa narrativa, as pessoas são vistas como a corporificação de histórias vividas. Mesmo quando os pesquisadores narrativos estudam narrativas institucionais, como as histórias da escola, as pessoas são encaradas como vidas compostas que constituem e são constituídas por narrativas sociais e culturais (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 77).

Clandinin e Connelly (2015, p. 81) afirmam ainda que “as pessoas estão no coração de todas as pesquisas em ciências sociais” e, por isso, a forma como são consideradas em uma investigação pode, sim, representar um ponto de tensão. Portanto, as pessoas têm um “lugar especial na pesquisa narrativa”. Desse modo, é considerado participante da pesquisa alguém que colabora, narrando suas trajetórias formativas, e não um mero colaborador ou sujeito que fornece informações a outros.

Em outro texto, selecionado no levantamento, “Desafios e potencialidades da escrita na formação docente em matemática”, Freitas e Fiorentini (2008), a exemplo dos autores acima citados, também se preocupam em refletir sobre o lugar das pessoas na pesquisa narrativa. Eles discutem principalmente o lugar dos participantes da pesquisa, ponderando a respeito:

Na pesquisa narrativa, o participante da pesquisa é um parceiro do processo de investigação que compartilha com o pesquisador interpretações e significados sobre as experiências vividas, pois as histórias pessoais e profissionais do participante, relacionadas às ações ou atividades que realiza, trazem informações e indícios relevantes sobre o seu processo de formação ao longo do tempo (FREITAS; FIORENTINI, 2008, p. 142, grifo do original).

A exemplo de Freitas e Fiorentini (2008), também Dorneles e Galiazzi (2016) destacam em seu trabalho “Investigação Narrativa na Formação de Professores de Química”, igualmente selecionado durante o levantamento, uma das tensões exploradas por Clandinin e Connelly quando refletimos sobre os pressupostos da pesquisa narrativa. Dorneles e Galiazzi (2016, p. 182) dizem que “uma das tensões centrais é pensar o lugar da teoria na pesquisa narrativa”, o que tem sido visto é que normalmente consideramos “comum começar a pesquisa pela teoria, porém os pesquisadores narrativos tendem a começar com a experiência assim como é expressa, em histórias vividas e contadas”.

Dorneles e Galiazzi (2016) ao destacarem a questão da teoria, considerada como uma das tensões mais comuns para os pesquisadores narrativos, desafiam-nos a pensar nos dilemas vivenciados diariamente ao assumirmos o desafio da pesquisa narrativa, pois, como retratam Clandinin e Connelly (2015), para muitos pesquisadores que se fundamentam em modos de pesquisas mais tradicionais, a pesquisa narrativa não é suficientemente teórica, como se não fosse válida, ou mesmo não passasse a credibilidade necessária por não seguir os modos tradicionais de se fazer pesquisa.

Sendo assim, os pesquisadores devem sempre estar atentos a essas questões, ao mesmo tempo em que precisam se dedicar ao que lhes interessam mais, já que, para pesquisadores narrativos, o maior desafio é tentar entender a experiência. Pautando nos argumentos de Clandinin e Connelly (2015), a narrativa nasce da experiência e retorna a ela em uma evolução cíclica do viver, contar, recontar e reviver. Compreender esse processo cíclico que em espiral conecta esses momentos contínuos e de forma indissociável é pensar/pesquisar narrativamente.

Evangelista (2017), também relata as tensões vivenciadas em torno do lugar da teoria. Como pesquisador iniciante nas narrativas, demarca o seu esforço para “situar o lugar da Teoria na escrita do relato de tese”. Chegando mesmo a revelar que, a princípio, não conseguia “iniciar a escrita sem buscar guarida em teorias sobre as quais pudesse me mover”. Ele acrescenta, ainda, que esse movimento em torno dessa tensão fez com que aprendesse, dentro da pesquisa narrativa, outros modos de fazer pesquisa. O autor ressalta também que a todo tempo se sentia convidado “insistentemente a pensar em um *continuum* de desenvolvimento profissional, no qual personalidade, profissionalidade e contextos se entrecruzam indissolivelmente” (EVANGELISTA, 2017, p. 28).

Em outro texto selecionado, cujo título é “Cognição, emoção e reflexão na sala de aula: por uma abordagem sistêmica do ensino/aprendizagem de inglês”, Aragão (2005, p. 108) destaca que, ao tomar “o conceito de experiência e continuidade de John Dewey, a pesquisa narrativa chama a atenção para a relação entre as variáveis históricas”. Para este autor, “todo presente tem um passado e uma possibilidade de história futura enraizada nesse espaço prévio. Esse modo de caracterizar nossa experiência projeta importante conceituação sobre a construção da pesquisa” (ARAGÃO, 2005, p. 108), pois nos possibilita pensar a experiência para além do que foi acumulado.

Para Clandinin e Connelly (2015), a teoria de Dewey é considerada fundacional para suas pesquisas, principalmente por seguirem seus ensinamentos a partir do que Dewey (1976) trata por *continuum experiencial*. Com base nesse conceito e emprestando os termos: **posição, continuidade e interação**, os autores definem o conceito de **Espaço Tridimensional**, que veremos mais à frente. Também Freitas e Fiorentini (2008, p. 142, grifos do original) citam o filósofo Dewey ao abordarem esta questão, para eles “quando o processo narrativo se inicia, a pesquisa narrativa ‘pulsa com movimentos para trás e para frente através do tempo e ao logo de um *continuum* de considerações sociais e pessoais”.

Ao citar Dewey, Clandinin e Connelly (2015, p. 30) também assumem que um dos “critérios da experiência é a continuidade, nomeadamente, a noção de que a experiência se desenvolve a partir de outras experiências e de que experiências levam a outras experiências”. Assim sendo, quando alguém se posiciona nesse *continuum*, que pode ser “o imaginado agora, algo imaginado no passado, ou um imaginado futuro – cada ponto tem uma experiência passada como base e cada ponto leva a uma experiência futura” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 30).

Vassallo e Telles (2008), autores de mais um texto selecionado para análise, ao escreverem sobre uma experiência de aprendizagem de línguas estrangeiras, também tomam como metodologia a pesquisa narrativa de Connelly e Clandinin. E, ao refletirem sobre a produção das narrativas, também consideradas “relatos historiados a partir dos *textos de campo*” (VASSALLO; TELLES, 2008, p. 344, grifos do original), nomeados por Clandinin e Connelly (2015), como textos de pesquisa, afirmam que estes representam uma transição desafiadora e que os pesquisadores deverão, ao longo do processo, considerar a dimensão pessoal, bem como “a experiência vivida à dimensão social; caso contrário, a narrativa não passará de um movimento narcisista”. Sobre esta questão, Vassallo e Telles (2008, p. 344, grifos do original) reforçam que:

Para evitar tal limitação, é necessário dar constante atenção a *tridimensionalidade da Pesquisa Narrativa*. Por exemplo, as histórias que narraremos neste artigo estiveram situadas em um *espaço* (apontam para determinada situação), em determinada *temporalidade* (dentro de um determinado tempo – presente, passado e futuro) e transitaram entre as dimensões pessoal e social de nossas experiências vividas. Ao escrevermos o presente artigo narrativo (texto de pesquisa) acerca de nossas experiências de ensino/aprendizagem *in-tandem*, tivemos que aprender a pensar sobre elas de modo narrativo, prestando atenção às nossas vidas com as línguas estrangeiras (italiano e português) como vividas narrativamente e, também, de contextualizar nossa investigação dentro deste *espaço tridimensional metafórico*.

Clandinin e Connelly (2015, p. 129) ao discorrerem sobre o espaço tridimensional na pesquisa, destacam algumas preocupações com a questão da ambiguidade do trabalho no espaço tridimensional, ressaltam que a “noção de tal espaço pode colocar limites artificiais e restritivos sobre a pesquisa”. Afirmam, do mesmo modo, que fazer “pesquisa narrativa é uma forma de viver. Viver em seu sentido mais geral e ilimitado”. E alertam para o fato de que existe “um paradoxo em potencial se o espaço de pesquisa for visualizado como uma caixa fechada em vez de um espaço infinitamente aberto, com noções de espaço mais atuais”.

Os autores apontam, ainda, que têm “esperanças que o equilíbrio da ideia de espaço tridimensional abra possibilidades imaginativas para os pesquisadores, possibilidades que não poderiam ser facilmente notadas na ausência dessa noção” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 130). Vale ressaltar sobre a questão da ambiguidade, a importância de termos consciência do lugar onde nós e nossos participantes somos colocados, a todo momento.

Carvalho (2017, p. 53) também discorre sobre o conceito de Espaço Tridimensional e nos convida a refletir sobre a questão das relações, pois a “pesquisa narrativa, por ser relacional, por ser desenvolvida a partir da noção de espaço tridimensional, requer que o pesquisador reconheça que ele não está sozinho nesse espaço”, espaço este que envolve a todos com quem ele trabalha, principalmente os participantes da pesquisa.

[...] como pesquisadores narrativos, trabalhamos no espaço não só com nossos participantes, mas também conosco mesmos. Trabalhar nesse espaço significa que nos tornamos visíveis com nossas próprias histórias vividas e contadas, as vezes isso significa que nossas histórias sem nome e talvez secretas vêm a luz, assim como aquelas dos nossos participantes. [...] somos cúmplices do mundo que estudamos; para estar nesse mundo precisamos nos refazer, assim como oferecer a pesquisa compreensões que podem levar a um mundo melhor (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 98).

Mariani (2016, p. 112), ao escrever sobre as aprendizagens da docência de graduandos do curso de licenciatura em Física, aponta que:

Quando atentamos para esse movimento tridimensional da pesquisa narrativa [...] podemos perceber que ele implica, necessariamente, outros dois movimentos que precisarão ser desenvolvidos tanto pelo pesquisador quanto pelos participantes em processo de pesquisa: um movimento que implica o “olhar para si”, para dentro, é um olhar introspectivo e o outro movimento aponta para fora para os contextos à sua volta, é um olhar extrospectivo.

Assim sendo, é de suma importância ter atenção a esse espaço tridimensional, considerado um dos pontos chaves da pesquisa narrativa, pois

é a partir dele que todo o processo de construção de um trabalho narrativo [...] vai se desenrolar. O pesquisador, na construção de seus textos de pesquisa, sejam provisórios sejam finais, deverá estar atento o tempo todo à questão da tridimensionalidade. Todo o trabalho de composição de sentidos precisará levar em conta esses três lugares, ou dimensões, justamente porque são condicionadores do fenômeno a que se busca compreender (MARIANI, 2016, p. 110).

Também Moreira (2019, p. 42), ao escrever sobre narrativas e multiculturalismo, destaca que:

Esse espaço tridimensional, da pesquisa narrativa, é um espaço de contínua movimentação; pesquisador e participante se movem entre o tempo, o social, o individual e o contexto no qual estão inseridos. As experiências vividas à medida que são narradas e observadas e, tendem a promover uma reflexão conforme são observadas e poderão ser ressignificadas, o participante é convidado a se ver. Nesse movimento, o indivíduo é modificado pelo contexto no qual está inserido e ao mesmo tempo em que atua nele também o transforma.

Para além dessas questões, é sempre importante ressaltar que, neste modo de fazer pesquisa, precisamos estar atentos ao que Clandinin e Connelly (2015, p. 233) vão chamar de “riscos, perigos e abusos na narrativa”, cuidando sempre em mantermos um nível de criticidade, evitando, assim, uma composição que se transforme em uma narrativa com “enredo Hollywoodiano, um enredo no qual tudo termina bem ao final”. Ou mesmo um texto que se construa a partir de uma sempre carregada boa intenção dos pesquisadores e participantes:

[...] o pesquisador deve tomar uma série de decisões para saber como balancear a suavidade contida no enredo com o que fica obscurecido devido a essa suavidade. [...] É uma questão de estar tão alerta às histórias não contadas quanto àquelas contadas. [...] Uma das formas que aprendemos para pensar sobre os riscos, perigos e abusos ao longo da pesquisa é olhar através dos nossos múltiplos “eus” como pesquisadores narrativos. [...] não podemos evitar a tarefa do criticismo (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 234).

Desse modo, percebemos que desenvolver uma pesquisa considerando todos esses aspectos, coloca-nos em uma situação de alerta permanente, pois esta é uma das mais importantes tarefas do pesquisador que elege essa metodologia. É preciso ficar atento, ainda, quanto aos aspectos que envolvem a qualidade da pesquisa narrativa e o que pode ser considerado na sua execução para que esta se apresente como algo convidativo, que apresente autenticidade, que evidencie adequação e plausibilidade (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Considerações finais

Ao decidirmos por realizar a pesquisa que culminou com a escrita deste artigo, nós o fizemos com o intuito de levantar informações sobre o uso das narrativas, como método e como fenômeno. Naquele momento, tínhamos em mente várias questões, como também buscávamos identificar pesquisadores que, como nós, têm se apoiado nas contribuições de Clandinin e Connelly para a realização de suas pesquisas, com o intuito de compreender como estes vêm tratando esses desafios que a pesquisa narrativa suscita.

Durante a realização da pesquisa, foi possível perceber que, bem mais do que encontrar outros trabalhos e autores que utilizam essa metodologia, pudemos aprender um pouco mais sobre os desafios dessa metodologia com aqueles que já vinham realizando estudos há muito mais tempo que nós. Pudemos confirmar, ainda, o quanto ter acesso ao que outros pesquisadores estão desenvolvendo possibilita-nos compreender a afirmação de Ferrarotti (2014, p. 22): “podemos começar a saber junto com outros”.

Vale lembrar, também, que o estudo sobre essa metodologia nos impõe um constante estado de busca por aprimoramento desse modo de fazer pesquisa. Sendo assim, diante dos resultados obtidos, é possível apontar que novas investigações poderão ser realizadas, considerando as possibilidades de usos no desenvolvimento da pesquisa, principalmente por acreditar na sua potencialidade em desencadear processos formativos aos que dela participam.

Assim sendo, por termos clareza que a pesquisa narrativa se encontra em estado de desenvolvimento, precisamos, ao mesmo tempo, manter este estado de alerta, desde o início, quando a ideia da pesquisa é concebida, até o momento em que concluímos a escrita final, mantendo sempre a atenção sobre as questões como ética, autoria, anonimato e outros.

Referências

ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, p. 51-64, jul. 2001. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742001000200003>

ARAGÃO, Rodrigo. Cognição, emoção e reflexão na sala de aula: por uma abordagem sistêmica do ensino/aprendizagem de inglês. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 101-120, 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982005000200005>

CARVALHO, Sandra Pavoeiro Tavares. **Narrativas sobre inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais em uma Escola Municipal de Educação Básica de Cuiabá/MT**. 2017. 244 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative Inquiry: Experience and Story in Qualitative Research**. San Francisco: Jossey Bass Publishers, 2000.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 1. ed. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: UDUFU, 2011.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2. ed. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

CONNELLY, F. Michael; CLANDININ, D. Jean. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, Jorge *et al.* (ed.). **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Laertes, 1995. p. 11-59.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Tradução de Anísio Teixeira. 2 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

DORNELES, Aline Machado; GALIAZZI, Maria do Carmo. Investigação narrativa na formação de professores de química. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 179-196, jan./abr. 2016. <http://dx.doi.org/10.18593/r.v41i1.9004>

EVANGELISTA, Edson Gomes. **Narrativas de professores de língua portuguesa e língua espanhola em processo inicial do tornar-se docente em contextos institucionais**. 2017. 179 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017.

FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida: o método biográfico nas Ciências Sociais**. Tradução de Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2014.

FREITAS, Lilliane Miranda; GHEDIN, Evandro Luiz. Narrativas de formação: origens, significados e usos na pesquisa-formação de professores. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 111-131, jan./jun. 2015. <https://doi.org/10.20500/rce.v10i19.1929>

FREITAS, Maria Teresa Menezes; FIORENTINI, Dario. Desafios e potencialidades da escrita na formação docente em matemática. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 138-149, jan./abr. 2008. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782008000100012>

GALVÃO, Cecília. Narrativas em Educação. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327-345, ago. 2005. <https://doi.org/10.1590/S1516-73132005000200013>

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 17-44, jan./mar. 2015. <https://doi.org/10.1590/0102-4698130280>

MARIANI, Fábio; MONTEIRO, Filomena Maria de Arruda. A pesquisa narrativa na formação de professores: aproximações que se potencializam. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 109-133, jan./abr. 2016. <https://doi.org/10.18593/r.v41i1.8878>

MARIANI, Fábio. **Os processos formativos de licenciandos em física do IFMT: narrativas sobre o ser professor e a ação de ensinar**. 2016. 234 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2016.

MELLO, Dilma Maria de. **Histórias de subversão do currículo, conflitos e resistências: buscando espaço para a formação do professor na aula de língua inglesa do Curso de Letras**. 2004. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

MOREIRA, Lineuza Leite. **Multiculturalidade no ensino de Ciências em uma escola do município de Vila Bela da Santíssima Trindade - MT**. 2019. 185 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

OLIVEIRA, Leonardo Davi Gomes de Castro. Pesquisa narrativa e educação: algumas considerações. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 13., Curitiba, 2017. **Anais eletrônicos...** Curitiba: PUCPR, 2017.

OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato *et al.* Narrativas de formação: o que dizem licenciandas e professoras iniciantes. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 25, n. 60, p. 631-656, set./dez. 2016. <https://doi.org/10.29286/rep.v25i60.4090>

PIZZANI, Luciana *et al.* A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Campinas, v. 10, n. 2, p. 53-66, jul./dez. 2012. <https://doi.org/10.20396/rdbci.v10i1.1896>

SERODIO, Liana Arrais; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Escrita-evento na radicalidade da pesquisa narrativa. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 33, e150044, 2017. <https://doi.org/10.1590/0102-4698150044>

15

TELLES, João Antonio. A trajetória narrativa: histórias sobre a formação do professor de línguas e sua prática pedagógica. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 34, p. 79-92, jul./dez. 1999.

VASSALLO, Maria Luisa; TELLES, João Antonio. Aprendendo línguas estrangeiras *in-tandem*: histórias de identidades. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 341-381, 2008. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982008000200005>

Checagem Antiplágio



Distribuído sobre

